



www.delfimsantos.org

Delfim Santos: Uma Pessoa Moral

João Bénard da Costa (1989)

Revista Instituto de Apoio à Criança 8, set. 1989.

Num breve e luminoso texto publicado em 1943, Delfim Santos afirmou mudarem os métodos e processos educativos, mas permanecer fundamentalmente «*o desígnio último da educação: a formação da pessoa moral*». Este objetivo humanista — em muitos outros passos, Delfim Santos se referiu a essa finalidade última sob a formulação «*tornar o homem humano*» — foi incansavelmente prosseguido ao longo de décadas de magistério e intervenção que, acima de tudo, vieram a revestir-se de um caráter primordialmente pedagógico.

Sabemos que Delfim Santos — porventura o português filosoficamente mais bem preparado e melhor informado do seu tempo — se veio a orientar sobretudo para a reflexão em torno da história da educação e a pedagogia por motivos *acidentais*, se por acidente tomarmos a marginalização de que na velha Faculdade de Letras foi vítima e o acantonou a essas disciplinas, afastando-o das cadeiras de Filosofia para que estava particularmente vocacionado. Mas se há muitas razões para lamentar a distorção que a sua carreira sofreu, é também verdade que ele soube retirar dessa inflexão — que não previu nem desejou, mas à qual foi obrigado — a possibilidade de refletir filosoficamente sobre a educação e a pedagogia, confluindo duas vertentes não dissociáveis — o filósofo é sobretudo um pedagogo, como desde os gregos sabemos e como ele se não cansou de recordar — na finalidade última de ensinar a ser livre pela livre formação da personalidade.

Os mortais e não os deuses — recordou no lapidar texto *Natureza e Espírito* — fizeram perder a razão ao homem que «*não considere o pensamento como permanente tentativa e jogo em busca do acerto*», antes dogmaticamente o considerando como posse exclusiva da verdade. Sempre o seu entendimento da filosofia, como da pedagogia, o levou a considerar qualquer dogmática como «*máscara de ignorância*» e «*ato pouco sério*». Com ele reaprendemos, em língua portuguesa, e em tempos de obscuros dogmatismos de sinais opostos, que a «*atividade espiritual no seu propósito de conhecimento*» é «*núcleo de liberdade e decisão*» e impede, forçada e forçosamente, qualquer atitude que exclua o erro e a dúvida. Excluí-los do pensamento e da vida é a suprema agressão contra esse mesmo pensamento e essa mesma vida e só pode ser



www.delfimsantos.org

reivindicado por quem não for educado para pensar, ou por quem não pensa para educar.

As gerações que foram educadas por Delfim Santos — ou seja que, com ele, aprenderam a interrogar e a interrogar-se — queixaram-se e com razão da escola em que foram educadas e da maior parte dos mestres que as educaram. Hoje damos conta que, apesar dos imensos vícios desse sistema (contra os quais incansavelmente Delfim Santos batalhou), ele permitiu ainda algo de que essas gerações foram, porventura, as últimas a beneficiar: o contacto personalizado com alguns mestres que, como ele, fizeram do seu magistério educativo magistério formativo, e pelo que disseram e pelo que escreveram orientaram decisivamente as personalidades de quem pôde ainda receber essa palavra. Para Delfim Santos, como para o outro grande Mestre que na Faculdade de Letras com ele ainda coexistiu — Vieira de Almeida — a ortodoxia imposta era o *«verme roedor do fruto doutrinário»*.

Com Delfim Santos fundou-se em Portugal o último pensamento heterodoxo que representou a possibilidade de livremente reagirmos às certezas frustrantes em que nos queriam confinar.

Graças a ele conheci autores e li livros de que mais ninguém — ou quase mais ninguém — falava em Portugal. Graças a ele pude ter acesso a correntes de pensamento que ele foi o único — ou um dos únicos — a ecoar entre nós. Mas o que sobretudo lhe devo foi a possibilidade dessa heterodoxia e a lição viva e vivida de que pensar é estar em oposição a *«todas as verdades estáticas que adormecem um povo»*. Entre *«mercadores do sono»*, Delfim Santos acordou-me. Isso lhe ficaram muitos a dever para sempre. E nisso — ato de dar à luz, ato de acender a luz — se cumpriu nele a missão essencial do filósofo como missão essencial do educador.

João Bénard da Costa